

# TEORIAS PEDAGÓGICAS QUE TRATAM DA QUESTÃO EDUCACIONAL COM ÊNFASE NOS SEUS ASPECTOS PSICOLÓGICOS E SÓCIOEDUCATIVOS E SUA NECESSIDADE PARA A COMPREENSÃO DAS INDICAÇÕES DA UNESCO PARA A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

*PEDAGOGICAL THEORIES THAT TREAT THE  
EDUCATIONAL QUESTION WITH EMPHASIS IN ITS  
PSYCHOLOGICAL AND SOCIO-EDUCATIONAL ASPECTS  
AND ITS NEED FOR UNDERSTANDING UNESCO'S  
INDICATIONS FOR EDUCATION IN THE 21ST CENTURY*

*Rosimar dos Santos<sup>1</sup>*

Faculdade Damas

*Altamir Francisco da Silva<sup>2</sup>*

Faculdade Damas

## **Resumo**

O recorte epistemológico adotado neste estudo situa as teorias de John Dewey e Jean Piaget na educação, com forte influência para ir além da escola tradicional e enveredar-se pela escola progressista. A experiência conforme John Dewey e sua aplicabilidade no processo educacional tem reconhecido espaço por sua contribuição no ato de conhecer, para isto as condições objetivas no planejamento é determinante. Dita experiência é fundamental para a compreensão das indicações dos organismos internacionais sobre a matéria.

## **Palavras-chaves**

Dewey. Piaget. Educação. UNESCO.

---

<sup>1</sup> Mestre em Direito pela Faculdade Damas da Instrução Cristã. MBA em Didática do Ensino Superior. Graduada em Pedagogia e Letras.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-graduação da Faculdade Damas da Instrução Cristã

**Abstract**

*The epistemological cut adopted in this study places the theories of John Dewey and Jean Piaget in education, with a strong influence to move beyond the traditional school and to embark on the progressive school. The experience according to John Dewey and its applicability in the educational process has recognized space by his contribution in the act of knowing, for that the objective conditions in the planning is determinant. This experience is fundamental for the understanding of the indications of the international organisms on the matter.*

**Keywords**

*Dewey. Piaget. Education. UNESCO.*

## **1. Prêmio: Da Escola Tradicional à Escola Progressista, uma história em ascendência**

Conservou-se e cultivou-se ao longo da história a crença de que à educação cabe preparar o jovem para as futuras responsabilidades e para o êxito que acontecerá no porvir da sua vida. Esta ideia se baseava na compreensão de que a educação é algo que deve ser construído tendo em vista um resultado que virá depois, em um horizonte a ser conquistado. Esse tipo de educação, segundo Dewey tem como “principal propósito u objetivo es preparar al joven para las futuras responsabilidades y para el éxito em la vida...” (DEWEY, 1945, p.13).

Assentava-se, ainda, nessa compreensão a intenção de uma garantia de vitória na vida, de glória geral e para todos; algo que traz no seu bojo inúmeras e diversas interrogações porque na realidade as coisas não têm um curso linear, nem mesmo estável para ninguém, muito menos para todos. No entanto, pergunta-se agora: Que tipo de êxito, de vitória? Qual, enfim, é o limite desse futuro esperado e apontado?

As afirmações que brotam de uma concepção de educação lastreada nos moldes da docilidade, receptividade, obediência como atitudes esperadas do aluno da escola tradicional, parecem não possuir um fundamento resistente às demandas da vida atual na sociedade do segundo milênio. Escola que se caracteriza como detentora do conhecimento e de posse da autoridade para determinar além

dos conteúdos, as normas de conduta, o perfil de educação, na certeza de que assim estará assegurando aos alunos e as suas famílias os resultados vislumbrados.

Nessa escola, o professor é o possuidor das informações e conhecimentos, a quem cabe determinar o rumo da aula e dos conteúdos, pois com o poder da palavra transmite o que julga importante para o aluno, ou seja, o conteúdo como verdade absoluta. E, ainda, espera do aluno o retorno na íntegra quando avaliado, exclusivamente, pelo instrumento prova, prática que favorecia a aprendizagem mecanizada sem possibilidade de reflexão e de interação entre os membros da sala de aula.

A aprendizagem, no contexto da escola tradicional, é concebida como a forma de aprender o que está nos livros e o que é transmitido pelo professor. Conforme Dewey (1945, p.14): “aprender aqui significa adquirir lo que ya está incorporado em los libros y em las cabezas de sus mayores”. Diante dessa metodologia passiva o aluno é conduzido a se tornar também passivo, sem iniciativa e interação com os demais.

Nesse contexto, o aluno era considerado “tábua rasa”, expressão adotada pelo filósofo inglês John Locke para exprimir a ideia de que a pessoa nasce sem conhecimento e só o adquirirá através da experiência, no ato de se aproximar do objeto, de vivenciar um evento, de perceber o mundo pelos sentidos. Assim, esse aluno sem conhecimentos depende do professor de quem deverá receber a formação educacional, porém sem a mínima abertura para a interação e a criatividade diante do conteúdo exposto, apenas como mero ouvinte e repetidor do que lhe foi transmitido.

O crescente desenvolvimento científico e tecnológico que marcou o final do século XIX e início do século XX introduziu novos rumos à sociedade, e em consequência, à educação. “A escola viu-se também colocada no centro de um vasto movimento de

ideias e de propostas de reforma, visando a torná-la mais adequada aos novos tempos e às novas realidades” (PILETTI, 1990, p. 110).

Fruto dessa caminhada em prol da educação, em 1930, liderado por Anísio Teixeira, surge o movimento da Escola Nova que trouxe novos rumos para a educação na visão da escola para todos como combate às desigualdades sociais. Com a Tendência Progressista que dá à pedagogia novas atmosferas para conduzir os destinos escolares, a escola é revolucionada e se torna revolucionadora, pois é pensada para se adequar às necessidades individuais.

Paulatinamente vai se delineando a concepção de uma escola que tem o aluno como centro e sujeito do processo de aprendizagem. Os conteúdos passam a ser trabalhados de forma prática, experiencial, tendo a pesquisa como um meio de ter acesso ao conhecimento. Essa metodologia torna o aluno participante do seu processo de aprendizagem e instiga à busca de respostas para as suas perguntas e viabiliza a construção do conhecimento.

A realidade da sala de aula a partir de então passa a ser vista em uma amplitude significativa porque se desloca para ambientes que favoreçam inúmeras e diversificadas experiências de aprendizagem. Desta forma, o professor deixa de ser mero transmissor do conhecimento, visão reforçada no período tradicional, e passa a elaborar situações de aprendizagem auxiliando no desenvolvimento livre da criança, sendo mediador entre o aluno e o conhecimento.

Os conteúdos estabelecidos a partir das experiências vividas pelos alunos diante das situações-problemas são definidos a partir de critérios presentes na sala de aula considerando as individualidades. Têm lugar as experiências, pesquisas e método de solução de problemas porque a vida está presente na escola, na sala de aula. Protótipo de educação baseado na motivação e na estimulação de problemas.

Essas iniciativas têm no bojo as concepções defendidas pelo filósofo e professor norte-americano John Dewey que encontram eco no ideal de democracia que está sendo plasmado no povo brasileiro. Encontram ressonância porque Dewey concebe a educação na vida, desenvolvida de forma prática e experiencial, defende que a educação deve tratar de vida, ideal buscado pelos pioneiros

da Escola Nova por aspirarem transformações econômicas, políticas e sociais. Assim, as ideias de Dewey podem fundamentar a Pedagogia Progressista: “Yo considero que la unidad fundamental de la nueva pedagogia se encuentra em la idea de que existe una íntima y necesaria relación entre los procesos de la experiencia real y la educación” (DEWEY, 1945, p. 16).

Têm-se, por um lado, estudiosos pesquisando sobre os problemas que tocam o ser humano em todas as dimensões; por outro, encontra-se a própria educação fazendo o seu percurso em linha ascendente, buscando nas teorias fundamentação que dê consistência a sua prática e vice-versa. Com isto, apresenta-se necessária a definição do perfil das personagens no processo educacional, inaugurado pela escola progressiva em vista da sua efetivação.

Entra em cena o conflito compreendendo que a condução da aula agora é dada ao aluno por ser sujeito do seu processo de aprendizagem; o professor por sua vez imagina perder “seu lugar”. Lugar esse assegurado na escola tradicional pela posição de detentor do conhecimento, autoridade que impõe. Agora é-lhe requerida a postura de autoridade intelectual configurada pela posição de quem medeia a situação, tal qual o juiz que define as regras do jogo. O professor estremece diante desse novo perfil a ser assumido e sente saudade dos tempos idos.

Todavia, tendo presente essas considerações, passa-se a refletir sobre a influência das iniciativas políticas e sociais na história educacional do Brasil, marcada por inúmeras iniciativas no intuito de vivenciar um modelo de educação escolar que se adapte às necessidades vitais do ser humano em sociedade.

Isso posto, compreende-se que a educação dentro dessa nova concepção, da Tendência Progressista, traz ao ensino e à aprendizagem valores e significados novos, reais e vitais, adotando uma dinâmica de sala de aula que permita ao aluno a participação e o desenvolvimento de habilidades que contribuam com sua forma-

ção educacional como um todo. Portanto, experiência rica de símbolos e significados que instigam a criatividade e a pesquisa como possibilidades de adquirir e construir conhecimento.

## **2. Composição das teorias cognitivas a partir das contribuições de John Dewey e de Jean Piaget**

A história educacional se delineia com a contribuição dos estudiosos e pesquisadores que oferecem o fruto de suas pesquisas e descobertas para alinhar a educação ao contexto de vida e de sociedade.

Nesse quadro de estudiosos e pesquisadores, dar-se-á destaque a Jean Piaget, biólogo e psicólogo suíço e a John Dewey, filósofo e professor norte-americano, pela valiosa contribuição dada à área educacional por manifestar a necessidade de nela introduzir reflexões e descobertas de outras áreas do conhecimento.

Dewey, educador estadunidense de reconhecida reputação no século XX, “esteve profundamente envolvido, ao longo da sua vida, num diverso espectro de causas educacionais, sociais e políticas” (TEITELBAUM, APPLE, 2001, p.196). Deixou um vasto legado de artigos e livros publicados em diversos países.

Merece destaque a sua compreensão e defesa da democracia, apresentada como ponto de avaliação, sobretudo, para as esferas governamentais. Conceito que se atualiza hoje na história que está sendo construída e que muito tem a aprender o que seja originariamente democracia no concreto da vida. Então,

Para Dewey, a democracia genuína não se referia simplesmente a agências e rituais governamentais, mas, pelo contrário, prendia-se com o processo dinâmico de uma participação diária activa e igual que incluía, não apenas o aparelho político formal, como também a cultura e a economia, em essência, todas as esferas da vida. A democracia genuína era, deixou Dewey escrito, “primariamente um modo de vida associado, de experiência comunicada conjuntamente” (TEITELBAUM, APPLE, 2001, p. 197).

Dewey apresenta a teoria da Filosofia da Educação como possibilidade de partindo do real, do concreto, do vivido, do local, da experiência, do ambiente em que se vive, adquirir e construir elementos e conteúdos de aprendizagem, construir conhecimento. Acreditava “que toda a ideia, valor e instituição social originavam-se a partir das circunstâncias práticas da vida humana [...]. A verdade não representava uma ideia à espera de ser descoberta; só poderia ser concretizada na prática” (TEITELBAUM, APPLE, 2001, p. 197).

Esse novo momento questiona os elementos que constituem a educação, os quais precisam ser percebidos a partir da concepção de processos de experiência real e com a possibilidade de serem educativos. Além do mais, tendo presente a nova ordem social na qual o ideal de igualdade e de liberdade dos indivíduos seja constatado na realidade. Isto por considerar a educação na sua dimensão social capaz de criar uma nova ordem social.

Com isso, Dewey questiona o sentido das disciplinas curriculares, dos métodos, dos resultados, das normas de conduta, do trabalho docente, da administração da escola como um todo. Defende que desenvolver atividades de forma automática a limitar as capacidades e potencialidades do aluno passa a ser questionado. Tudo isto fala de um tipo de adestramento, de repetição que não desenvolve a pessoa integralmente, logo não a prepara para atuar inteligentemente na vida em sociedade.

Então, mediante todo o estudo e pesquisa realizada para delinear a Filosofia da Educação, Dewey (1945, p. 15) percebe: “implícita em las prácticas de la educación más nueva, podemos, creo, descubrir ciertos principios comunes entre la diversidad de escuelas progresivas ahora existentes”.

Dewey enfatiza a ideia de que existe a possibilidade de fazer relação entre a experiência acontecida na vida real do indivíduo, no

seu existir como pessoa que age, sente, movimenta-se, atua na sociedade e a educação que acontece nas escolas com o seu currículo carregado de teoria. E pontua nestes termos: “Yo supongo que en medio de todas las incertidumbres hay una estructura permanente de referência, a saber: la conexión orgánica entre la educación y la experiencia personal” (DEWEY, 1945, p. 21).

Dessa forma, crê-se haver um desenvolvimento positivo e construtivo tendo por base a teoria da experiência e suas potencialidades educativas a inspirar e conduzir o estabelecimento e a definição de normas, regras, materiais, métodos a serem adotados na caminhada escolar progressista.

Essas ideias de Dewey deram fôlego ao movimento da Escola Nova encabeçado por Anísio Teixeira, que destacava a atividade prática e a democracia. Em síntese, a tendência progressiva consistia em educar a criança como um todo visando ao seu crescimento físico, emocional e intelectual, apontando insistentemente para a necessidade de se desenvolver na educação uma Filosofia da Experiência como meio de dar concretude aos conteúdos trabalhados, tornando o currículo da escola mais vivo e presente à vida do educando.

Dessa forma, será norteadora a decisão sobre o planejamento, a metodologia, os recursos, os materiais didáticos e, até, sobre a administração escolar dentro dos parâmetros estabelecidos, pois, “un sistema de educación basado sobre la conexión necesaria de la educación con la experiencia debe, por el contrario, tener constantemente en cuenta estas cosas si quiere ser leal a su principio” (DEWEY, 1945, p. 45).

É também de acentuada importância a contribuição de Jean Piaget, biólogo e psicólogo suíço, que, partindo de estudos da biologia, apresenta a Epistemologia Genética a qual trata dos estágios pelos quais a criança passa no processo de desenvolvimento através da relação que tem com o seu meio. Sua teoria trata dos conceitos fundamentais da interação, assimilação e acomodação buscando explicar a gênese do conhecimento; tem em vista estudar a criança no processo de conhecer considerando o desenvolvimento nos aspectos físico, psicológico e social.

O ser humano uma vez inserido no meio ambiente com ele desenvolve relações que necessitam ser harmonizadas para que seja possível a vida biológica com princípio estruturante da espécie. Nessa linha de pensamento encontramos a inteligência como catalisadora do processo de adaptação do ser humano no espaço físico. Para Piaget “a inteligência é uma adaptação. Para apreendermos as suas relações com a vida, em geral, é preciso, pois, definir que relações existem entre o organismo e o meio ambiente” (PIAGET, 2016, p. 15).

O organismo vai fazendo as suas adaptações, segundo Piaget, pela construção do aparato concreto, material do qual necessita para se desenvolver, para preservar a sua vida, ampliando e enriquecendo, com isto, a estrutura do seu espaço. Logo, o organismo lida com estrutura palpável, tangível, “ao passo que a inteligência prolonga tal criação construindo, mentalmente, as estruturas suscetíveis de aplicarem-se às do meio” (PIAGET, 2016, p. 15).

Piaget define como adaptação o processo vivido pelo organismo com relação ao meio no qual está inserido e nele interage. Assim, “há adaptação quando o organismo se transforma em função do meio, e essa variação tem por efeito um incremento do intercâmbio entre o meio e aquele, favorável à sua conservação, isto é, à conservação do organismo” (PIAGET, 2016, p. 16). Continua o autor, “poderemos dizer, portanto, que a adaptação é um equilíbrio entre a assimilação e a acomodação” (PIAGET, 2016, p. 17).

Aprofundando o conhecimento sobre o assunto prossegue o estudioso, “tal definição aplica-se igualmente à própria inteligência. Com efeito, a inteligência é assimilação na medida em que incorpora nos seus quadros todo e qualquer dado da experiência” (PIAGET, 2016, p. 17). E ainda, “no que diz respeito às relações entre as partes e o todo, que definem a organização, é sabido que cada operação intelectual é sempre relativa a todas as outras e que

os seus elementos próprios são regidos por essa mesma lei” (PIAGET, 2016, p. 18-19).

Quase como uma síntese aplicada à questão Piaget vai mencionar:

ora, essa dependência mútua é reencontrada, no plano da inteligência, não só na interação da atividade racional (organização) e da experiência (adaptação), que toda a história do pensamento científico mostra serem inseparáveis, mas também na correlação das categorias funcionais (PIAGET, 2016, p. 23).

Nesse conjunto de definições e reflexões observa-se a interação do sujeito com o objeto do conhecimento em busca de novas construções e intervenções mediados pela realidade, pois, “do ponto de vista do conhecimento, isso significa que a atividade do sujeito é relativa à constituição do objeto, do mesmo modo que esta implica aquela: é a afirmação de uma interdependência irreduzível entre a experiência e a razão” (PIAGET, 2016, p. 27).

Encontra-se no ponto da interdependência entre a experiência e a razão a conexão, interseção da teoria de Dewey e de Piaget ao defenderem a posição de servir-se da realidade prática, da vida para desenvolver o conhecimento, de proporcionar situações de aprendizagem para os alunos, de instigar os professores a introduzirem em seus planejamentos cenários, vivências como possibilidade de aprender.

Portanto, considera-se que perceber e planejar a educação dentro desses parâmetros constitui conceder ao aluno a possibilidade de fazer estreita conexão dos conteúdos escolares com a vida e a aquisição de uma forma contínua de aprender ao longo da vida.

### **3. A experiência conforme John Dewey e sua aplicabilidade no processo educacional**

Na consciência de que: “la experiencia no entra simplemente em una persona. Penetra em ella, certamente, pues influye em la formación de actitudes de deseo y de propósito” (DEWEY, 1945,

p. 42), Dewey estruturou para a educação uma proposta de trabalho que visa a uma linha contínua e carregada de sentido, acreditando que, desta forma, o aluno tem a possibilidade de realizar uma caminhada escolar que lhe dê acesso a um universo considerável de situações de aprendizagem. Esta experiência poderá introduzir, naturalmente, o aluno na realidade de mundo no qual está inserido com seus desafios a serem administrados.

À vista disso, as categorias de continuidade e de interação, nomeadas por Dewey, vão determinar o tipo de experiência e seu valor educativo. A categoria de continuidade, por sua vez, baseia-se no eixo do hábito, compreendido no sentido biológico, pois uma experiência presente é resultante de experiências anteriores e influencia experiências posteriores. Assim sendo, “comprende la formación de actitudes, actitudes que son emocionales e intelectuales; comprende nuestras sensibilidades y modos básicos de satisfacer y responder a todas las condiciones que encontramos al vivir” (DEWEY, 1945, p. 36)

Tendo presente, por conseguinte, que o processo educativo acontece semelhantemente ao crescimento humano, entendido este como desenvolvimento de todas as dimensões, física, intelectual, emocional, Dewey o considera um exemplo da continuidade por ele adotada. Ainda, “cuando, el desarrollo en una dirección particular conduce a un desarrollo continuado, responde al criterio de la educación como crecimiento” (DEWEY, 1945, p. 38).

Nessa linha de pensamento considera-se que o ponto de partida para a experiência é o lugar em que a pessoa se encontra com tudo que a cerca e que provoca atitudes e emoções. Deve-se a isto a importância de considerá-la na educação, pois esta é a força que move a ação educativa e cria conexões entre a pessoa e a sua história. Situa-se neste ponto a categoria de interação, presente na teoria de Piaget, como algo a ser reconhecido no processo educati-

vo que deve marcar e demarcar a trajetória educacional do ser humano.

Cabe, no entanto, ao professor a responsabilidade de conhecer “el principio general de la formación de la experiencia por las condiciones del ambiente, sino también en que deben saber en concreto qué ambientes conducen a experiencias que faciliten el crecimiento” (DEWEY, 1945, p. 44). O mesmo autor continua pontuando que o professor deve ir mais além, explorando não só ambientes, mas sugando do contexto tudo o que possa ser utilizado como experiência valiosa para o aluno.

O professor tendo por foco a intenção pedagógica de adotar a experiência como recurso para desenvolver o trabalho docente de forma que amplie o universo de vivências e possibilite ao aluno outras práticas, introduz o aluno em um aprendizado que o acompanhará por toda a vida.

Isso nos remete aos Quatro Pilares da Educação, apresentado no relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. O referido relatório estabelece os tipos fundamentais de educação: **aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser**. Considera-se, então, salutar recorrer às condições objetivas e criar ou favorecer outras, o que constitui responsabilidade do professor da Escola Nova na Tendência Progressista.

Nesse prisma, portanto, pode-se afirmar que cada experiência é uma força em movimento que conduz a novas experiências em um desenrolar pela continuidade e interação próprias do processo experiencial vivido pela pessoa. E, em se tratando de educação, acontece um desencadear de vivências possíveis a contribuir com o desenvolvimento do aluno em um contínuo do vir a ser.

#### **4. Apreciação final: Condições objetivas no planejamento.**

O ser humano é um ser de busca e nessa busca constante deseja sentir-se realizado com suas necessidades de sobrevivência

satisfeitas e as condições para o seu desenvolvimento integral garantidas.

Dentre os itens de busca do ser humano encontra-se a educação entendida como espaço e possibilidade que o introduz no mundo dos conhecimentos, capacitando-o para o desenvolvimento de suas potencialidades e a sua inserção na sociedade como cidadão capaz de interagir nas relações sociais e no mercado de trabalho.

Para atingir essa meta, percebe-se necessária a atenção e o cuidado com a formação do indivíduo nos aspectos físicos, intelectuais, espirituais, emocionais e sociais. Dewey se refere a essas condições objetivas e ajuda-nos a compreendê-las pelo fato de terem elas uma dimensão de longo alcance, o que torna importante considerá-las no processo educacional.

Pelo fato das condições objetivas terem um caráter determinante na vida escolar do aluno é atribuído um nível considerável de responsabilidade ao profissional da educação para a sua identificação e eleição. A identificação e a eleição devem perpassar a metodologia, os recursos materiais e didáticos, as condições reais, enfim, tudo o que possa assegurar a aprendizagem dentro das necessidades e capacidades do aluno naquele dado momento e com perspectivas de continuar aprendendo.

Inclusive essa é uma atitude que deve ser despertada e reforçada no aluno: o desejo de continuar aprendendo ao longo da vida. Importante é a atenção e o cuidado com cada detalhe para que os métodos e materiais adotados tenham efeito pedagógico. Esse efeito deve ser direcionado ao aluno individualmente e no contexto em que se situa para que produza o resultado esperado. Dewey enfatiza:

no es bastante que ciertos materiales y métodos hayan demostrado ser eficientes con otros individuos en otros tiempos. Debe existir una razón para pensar que funcionarán provocando una experiencia

que tenga cualidad educativa para individuos particulares en un tiempo particular (DEWEY 1945, p. 53).

Entende-se que as condições objetivas ofereçam à pessoa a possibilidade de ampliar seu universo de experiência, logo, de conhecimentos capazes de dilatar a capacidade atitudinal duradoura de desejar continuar aprendendo e interagindo na história. Tem-se nesta reflexão a compreensão de que “la actitud más importante que se puede formar es la de desear seguir aprendiendo” (DEWEY, 1945, p. 57).

Diante do exposto, percebe-se que o professor tem uma dosagem bastante farta de responsabilidade pela definição de elementos constitutivos do processo educacional e a sua estruturação de forma que garanta a aprendizagem do aluno e, conseqüentemente, a possibilidade de continuar ampliando e construindo seus conhecimentos.

Atenção especial deve ser dada ao currículo por se tratar de um instrumento que apresenta os elementos a serem considerados na composição do trabalho pedagógico. E para assegurar que todos os alunos possam acompanhá-lo e vivenciá-lo é indispensável a sua flexibilização. Carvalho discorre sobre essa necessidade sublinhando:

Para assegurar e garantir que todos os aprendizes tenham experiências de aprendizagem ricas, relevantes e adequadas as suas características individuais e diferenciadas, há necessidade de flexibilizar a proposta curricular, especialmente quando se trata de alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem porque têm necessidades educacionais especiais (transitórias, ou não) (CARVALHO, 2014, p. 102-103).

Assim, baseado no currículo, o planejamento como ferramenta que delinea o percurso de ensino e de aprendizagem a ser desenvolvido com a turma e, em específico, com cada aluno individualmente, deve ser elaborado dentro da concepção de educação inclusiva. Considerando que na sua elaboração o professor precisa

trazer presente as competências e habilidades a serem desenvolvidas, como também as potencialidades e dificuldades dos alunos a quem se endereça esse planejamento.

A característica de flexibilidade deve ajudar o professor a ajustar a rota no transcorrer das atividades pedagógicas previstas no planejamento. Sabe-se que o ato de planejar é abstrato, hipotético, subjetivo, teórico, o que não impede aprimoramentos na sua execução, uma vez que a realidade é dinâmica, inusitada, instigante e provocadora. Isto porque se planeja para uma determinada escola, uma determinada turma, para alunos específicos.

Interessante é constatar na prática que essa experiência é real e merecedora de aplausos, pois a competência do profissional da educação passa pela capacidade de responder satisfatoriamente aos desafios e situações embaraçosas, a princípio, que emanam da sala de aula, da sua interação com os alunos e da oportunidade que os alunos têm de acesso ao conhecimento.

Acredita-se, com isso, que essa prática

desenvolverá nos educandos habilidades e competências cognitivas, relacionais, afetivas e políticas, reconhecendo as características diferenciadas de seus corpos e organismos. Contém, em si mesmo, a aposta de que todos podem aprender, ainda que com ritmos e estilos de aprendizagem diferentes e que exercitam cidadania nas escolas (CARVALHO, 2014, p. 102).

Tudo isso deve ser fonte de inspiração e de estímulo ao profissional da educação que encontrará no cotidiano escolar ingredientes favoráveis que traduzem a eficácia e eficiência do processo educacional que desenvolve. É bastante salutar registrar a caminhada realizada no intuito de ter a memória dos passos dados a servir como referência às práticas futuras, pois se prestam como respaldo aceitável de uma educação de sucesso.

Nesse registro é fundamental ir aos detalhes dos recursos utilizados, das ações desenvolvidas, dos espaços utilizados, dos desafios superados, das flexibilizações ocorridas, das conquistas alcançadas, dos personagens participantes do processo, do diálogo efetivado, enfim, de cada pormenor que compôs o todo na teia das relações e no conjunto das ações pedagógicas.

Portanto, desse caminhar é possível que se gerem pessoas mais felizes e realizadas, tanto profissionais da educação, como educandos. Os profissionais da educação, porque se permitiram ser instrumentos de conexão entre o saber, a experiência, a possibilidade, o recurso e o seu receptor. Os educandos, porque destinatários de ações que enaltecem a sua dignidade como ser humano único e especial, na sua inteireza e constituição. O resultado final é pessoas com quem a sociedade pode realmente contar para a sua edificação dentro dos parâmetros de vida feliz e saudável para todos.

## Referências

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva**: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2014.

DEWEY, John. **Experiencia y Educación**. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A. 1945.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História da Educação**. São Paulo: Ática. 1990.

TEITELBAUM, Kenneth. APPLE, Michael. **John Dewey**. Currículo sem fronteiras, v. 1, n. 2, pp. 194-201, Jul/Dez 2001. Disponível em:

< <http://www.curriculosemfronteiras.org/classicos/teiapple.pdf>>  
Acesso em: 20/03/2017.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação para todos:** plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Tailândia, 1990.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas para as necessidades educativas especiais.** Espanha, 1994.